

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 53, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2022 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p> http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2022.1.39085</p>	

SEÇÃO: REVISÃO SISTEMÁTICA

Violência emocional intrafamiliar contra crianças e adolescentes e suas repercussões: uma revisão sistemática de literatura

Repercussions of emotional family violence against children and adolescents: a systematic review

Repercusiones de la violencia emocional intrafamiliar contra niños y adolescentes: una revisión sistemática

Catarina Gordiano Paes Henriques¹

orcid.org/0000-0001-9165-404X
catarinagordiano@gmail.com

Luciana Dutra-Thomé²

orcid.org/0000-0001-9629-467X
lucianaduth@gmail.com

Edinete Maria Rosa¹

orcid.org/0000-0003-4279-8308
edinete@gmail.com

Recebido em: 7 set. 2020.

Aprovado em: 8 jul. 2021.

Publicado em: 7 nov. 2022.

Resumo: O objetivo deste estudo foi identificar as repercussões na infância, na adolescência e na vida adulta da violência emocional intrafamiliar vivenciada no período infanto-juvenil em artigos publicados entre 2009 e 2019, por meio de uma revisão sistemática de literatura. Para a organização dos dados, utilizou-se o *software* Zotero; para a sistematização e análises, o *software* SPSS (versão 2.3). Na infância e na adolescência, as principais repercussões foram sintomas internalizantes (ex.: ansiedade, depressão, problemas psicossomáticos, insegurança), problemas cognitivo-comportamentais e impactos no rendimento escolar. Na idade adulta, as principais repercussões foram sintomas externalizantes (ex.: agressividade, reprodução da violência) e sintomas internalizantes. Conclui-se que a violência emocional vivenciada na infância e na adolescência é transcultural, transgeracional e um fator de risco para o desenvolvimento, podendo ocasionar prejuízos cognitivo-comportamentais e interferir nos relacionamentos interpessoais ao longo do ciclo de vida. Tornar visível este tipo de violência contribui para enfrentamento e minimização dos efeitos negativos da violência.

Palavras-chave: violência intrafamiliar, violência emocional, violência psicológica, criança, adolescente

Abstract: This study aimed to identify the repercussions in childhood, adolescence and adulthood of intrafamily emotional violence experienced in children and adolescents in articles published between 2009 and 2019 through a systematic literature review. To organize the data, the Zotero software was used; for systematization and analysis assistance, the SPSS software (version 2.3). In childhood and adolescence, the main repercussions were internalizing symptoms (for instance: anxiety, depression), cognitive-behavioural problems and impacts on school performance. In adulthood, the main repercussions were externalizing symptoms (for instance: aggressiveness, reproduction of violence) and internalizing symptoms. It follows that the emotional violence experienced in childhood is cross-cultural, transgenerational, and a risk factor for development, as it can cause cognitive-behavioural losses and interfere in interpersonal relationships throughout the life cycle. Making this type of violence visible helps to face and minimize the negative effects of violence.

Keywords: family violence, emotional violence, psychological violence, child, adolescent

Resumen: El objetivo de esta revisión sistemática de la literatura fue identificar las repercusiones en la infancia, adolescencia y vida adulta de la violencia emocional intrafamiliar experimentada en niños y adolescentes en artículos publicados entre 2009 y 2019. Para organizar los datos, se utilizó el *software* Zotero; para la



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil.

² Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil.

sistematización y análisis, el software SPSS (versión 2.3). En la infancia y la adolescencia, las principales repercusiones fueron los síntomas internos (ansiedad, depresión), problemas cognitivo-conductuales e impactos en el rendimiento escolar. En la edad adulta, las principales repercusiones fueron síntomas externos (agresividad, reproducción de violencia) y síntomas internos. La violencia emocional experimentada en la infancia es transcultural, transgeneracional y un factor de riesgo para el desarrollo, ya que puede causar impedimentos cognitivo-conductuales e interferir en las relaciones interpersonales a lo largo del ciclo de vida. Hacer visible este tipo de violencia ayuda a enfrentar y minimizar los efectos negativos de la violencia.

Palabras clave: violencia en la familia, violencia emocional, violencia psicológica, niño, adolescente

A violência contra crianças e adolescentes é sustentada em normas culturais e transgeracionais, o que está associado a fatores como a tolerância social que tem este tipo de violência. Tendo em vista o caráter multiplicador, expansivo e multifatorial da violência (Alfaro, 2019), seu impacto na vida de crianças e adolescentes se torna difícil de se mensurar quando pensado fora de um contexto dinâmico e em constante movimento. Não há como afirmar que tal repercussão é derivada de um ato específico, tendo em vista a multiplicidade de atos violentos, suas significações, normas, contextos sociais e históricos (Abramovay, 2002). Este estudo pretende contribuir para a literatura sobre violência contra crianças e adolescentes, ao sistematizar os artigos que abordaram as repercussões da violência emocional ao longo do curso de vida.

Atos atentatórios à integridade física e psíquica das crianças e dos adolescentes por muito tempo não foram considerados violentos e isso mudou quando foram reconhecidos como sujeitos de direitos (Rosa, 2004). Gradualmente, os cenários mundial e brasileiro foram se alterando e crianças e adolescentes têm conquistado lugar no patamar de sujeitos sociais. Esta alteração de patamar socialmente construído também vem sendo galgada por meio de movimentos sociais em defesa dos direitos de idosos, mulheres, negros, deficientes, índios e outras categorias socialmente consideradas vulneráveis (Henriques, 2021).

Apesar de muito recorrente, a violência emocional/psicológica é pouco diagnosticada em comparação aos outros tipos de violência, porque não possui definição e conceitos tão fáceis

e evidentes, assim, os estudos iniciais concentraram esforços para conceituá-la e defini-la, o que possibilitaria melhor detecção e intervenção (Abranches & Assis, 2011). Estudos posteriores, como esta pesquisa, buscaram ir mais além, dando visibilidade às consequências dessa violência.

Violência emocional ou psicológica é toda ação ou omissão que causa ou pretende causar dano à autoestima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. Trata-se da forma mais subjetiva da violência, embora seja muito recorrente sua associação com agressões físicas. A violência emocional ocasiona marcas no desenvolvimento e pode comprometer toda a vida mental de quem a vivencia (Day et al., 2003).

A literatura sobre o assunto comumente classifica a violência contra crianças e adolescentes em: física, violência emocional ou psicológica, negligência e abuso sexual (Calheiros, 2006). A violência física está relacionada ao uso da força física com a intenção de prejudicar outrem; a violência emocional refere-se às violências verbais ou gestuais, com a intenção de humilhar, ameaçar ou causar danos à autoestima de alguém; a violência sexual é a imposição de prática ou satisfação de interesse sexual contra a vontade da vítima; a negligência refere-se à falta ou negação de cuidados (Minayo, 2005). Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) as violências contra o público infanto-juvenil podem resultar em danos físicos e psicológicos, além de impactarem negativamente o crescimento e o desenvolvimento das vítimas (WHO, 2006).

Partindo-se das repercussões, Henriques et al. (2021) propuseram a seguinte classificação para a violência contra crianças e adolescentes: (a) física, ou seja, os maus-tratos físicos e os atos de negligência que causem dano físico; (b) emocional, computando-se os maus-tratos comumente chamados de psicológicos, violência verbal, os atos de negligência que gerem danos emocionais e quaisquer maus-tratos maltrato físicos que gerem prioritariamente danos emocionais; e (c) sexual, que abarca todos os tipos de violência contra a liberdade e a dignidade sexuais, como a manipulação de órgãos genitais, exibição de

imagens de sexo e o estupro. Atos difíceis de se nomear comumente são classificados na literatura como violência psicológica ou emocional; a negligência, por ter conceito mais facilitado, é normalmente separada do conceito de violência emocional, porém entendemos se tratar do mesmo construto, uma vez que ambos podem ter consequências muito próximas.

A violência intrafamiliar é entendida como forma de comunicação e de relação interpessoal que perpassa todos os coabitantes, com diferenciações hierárquicas. As crianças são as maiores vítimas, pois emoções negativas dos outros membros da família (ex.: raiva, ressentimentos e impaciências) as atingem como se elas fossem uma válvula de escape (Sanchez & Minayo, 2006). Ainda, quanto maior número de membros de uma família maior o fator de risco para a manutenção de práticas violentas (Rikić et al., 2017). A violência também perpassa as gerações (Keiski et al., 2018; Neppl et al., 2017; Yaghoubi-Doust, 2013) à medida que se revela uma forma de resolução de conflitos passada de pais para filhos (Bandura et al., 1961). Pessoas que sofreram violência na infância por seus pais têm maior probabilidade de praticar a mesma violência em seus filhos (Rikić et al., 2017).

As repercussões da violência podem ser agrupadas didaticamente em sintomas internalizantes (ex.: ansiedade, depressão), sintomas externalizantes (ex.: agressividade, reprodução da violência nos filhos), problemas comportamentais (ex.: uso de álcool), dificuldade no desempenho escolar (ex.: baixas notas, bullying). Entretanto, essas consequências geralmente são manifestadas por um conjunto de sintomas e variam a depender da faixa etária, dos atos praticados e das suas significações e devem ser analisadas do ponto de vista contextual.

A violência emocional geralmente é praticada em conjunto com outras formas de violência intrafamiliar, às quais crianças e adolescentes são frequentemente expostos (Finkelhor et al., 2007), sendo qualquer tipo de violência contra aquele público um fator de risco para o desenvolvimento (Thoresen et al., 2015). O presente artigo tem por

objetivo identificar as repercussões da violência emocional intrafamiliar, vivenciada no período infanto-juvenil, ao longo do curso de vida.

Método

Realizou-se uma revisão sistemática de literatura, de artigos publicados entre 2009 e 2019, considerando-se, na organização dos dados, os itens: idioma de publicação, país da coleta de dados, ano de publicação, quantidade e faixa etária dos participantes, tipos e atos de violência e, principalmente, as consequências da violência de acordo com a faixa etária dos participantes das pesquisas analisadas. Este tipo de revisão tem por características principais a aplicação de estratégias de busca, análise crítica e a síntese da literatura de forma organizada, com minimização de vieses (Zoltowski et al., 2014). A revisão foi composta de oito etapas: delimitação da questão, escolha das fontes de dados, eleição das palavras-chave, busca e armazenamento dos resultados, seleção de artigos de acordo com critérios de inclusão e exclusão, extração dos dados, avaliação dos artigos, síntese e interpretação dos dados (Costa & Zoltowski, 2014).

No que se refere à delimitação da questão, buscou-se compreender as repercussões da violência emocional no contexto familiar elencadas por pesquisas empíricas. Pretendeu-se identificar os autores das agressões e outras possíveis formas de violência associadas à violência emocional.

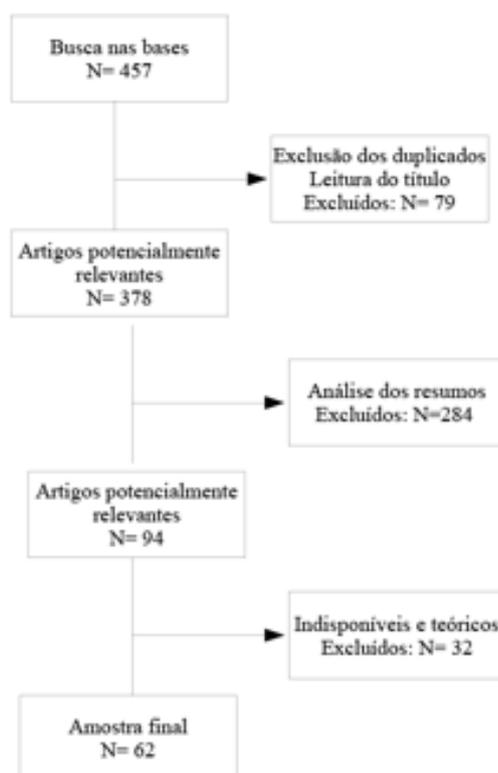
Dois juízes independentes buscaram por artigos publicados entre 2009 e 2019 nas bases de dados eletrônicas BVS-PSI, PsycInfo, PubMed, Redalyc e SciELO. Os dois descritores utilizados foram "*emotional violence*" OR "*psychological violence*" AND "*child OR adolescent*", bem como "*violência emocional*" OR "*violência psicológica*" AND "*criança*" OR "*adolescente*", todos no título e/ou resumo. Não constaram como descritores as variações como maus-tratos e abuso, uma vez que se pretendeu conhecer como os artigos científicos usam as denominações violência emocional e psicológica, que vêm sendo aplicadas tanto na ciência como na vida cotidiana.

A seleção dos artigos teve como critérios de inclusão (a) a referência à violência emocional intrafamiliar contra criança ou adolescente, no título ou no resumo, não excluindo a ocorrência de outros tipos de violência, (b) em Português, Inglês, Francês, Espanhol e Alemão. Os critérios de exclusão foram artigos: (a) sobre exclusivamente outros tipos de violência doméstica; (b) sobre violência emocional de gênero, no trabalho e contra idosos e gestantes; (c) fora do lapso temporal 2009 a 2019.

Com as buscas, 457 artigos foram encontra-

dos e, após a exclusão dos textos duplicados e a leitura do título, o *corpus* foi reduzido a 378 artigos. Por meio da leitura criteriosa dos resumos, observando-se os critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 94 artigos, dos quais dois não estavam disponíveis na *internet* e 30 tratavam de estudo eminentemente teórico, totalizando 62 artigos. Para posterior extração dos dados, os artigos foram armazenados no *software* Zotero. Para análise dos dados, optou-se por análises descritivas de frequência do *software* SPSS (versão 2.3).

Figura 1: Fluxograma da Revisão Sistemática



Resultados

Perfil dos artigos analisados

Do total dos artigos analisados, a maioria estava escrito em Inglês (58,1%) ou Português (24%), seguidos de Espanhol (12,9%), Francês (3,2%) e

Alemão (1,6%). Os dados dos estudos foram coletados em 26 países, principalmente no Brasil (30,6%), nos Estados Unidos (14,5%), seguidos de Espanha (6,5%) e Paraguai (4,8%). Juntos, Portugal,

Peru, Uganda, Quebec e Noruega somaram 16% quanto à sede de coleta de dados. Em relação aos outros estudos (26%), cada um coletou dados em um país diferente, e diversos dos supracitados, à exceção de uma publicação (1,6%), que coletou dados em dois países.

A maioria dos artigos se mostrou com perfil quantitativo, liderados pelos estudos com mais de 1 mil participantes (41,9%) e, em seguida, pelos estudos com participantes que variaram entre 101 e 500 (29%). Na sequência, estavam os estudos com participantes entre 501 e 1 mil (12,9%), bem como os com até 50 participantes (14,5%); por fim, os estudos que coletaram dados com 51 a 100 participantes (1,6%). Entre os estudos de até 50 participantes, por exemplo, houve um caso clínico. Entre os estudos com mais de 1 mil participantes, em alguns poucos casos, este número chegava a 20 mil ou 40 mil.

Crianças e adolescentes foram participantes de 73,4% dos estudos, enquanto os adultos participaram de 25% deles. Houve apenas um estudo considerado longitudinal. O critério utilizado para determinar infância/adolescência e idade adulta foi o indicado pelos próprios artigos.

Perfil da violência e suas expressões

Corroborando achados no mesmo sentido (Silva et al., 2017; Costa et al., 2015; Rocha & Moraes, 2011; Greenfield & Marks, 2009; Nunes & Sales, 2016; Lourenço et al., 2013), os agressores mais apontados pelos artigos foram os genitores, pai (51,6%) e mãe (50%). Alguns artigos utilizaram a expressão responsáveis (24,2%) e outros, coabitantes (21%), casos que podem abranger novamente os genitores, além de pessoas como avós (4,8%), irmãos, (3,2%), tio/primos (1,6%), madrasta (1,6%) e padrasto (1,6%). Os artigos relataram mais de um tipo de violência, sendo que a combinação mais recorrente foi violência emocional, sexual e física (48,4%), seguida de violência emocional e física (35,5%). Somente em 16,1% dos estudos os participantes relataram ter vivenciado apenas violência emocional.

Quanto mais categorias de violência e mais

grave a vivência, maior a probabilidade de ocorrerem repercussões, como a revitimização (Thoresen et al., 2015). Os atos mais recorrentes nos artigos, quando traziam especificados esses atos, foram violência interparental (33,8%), negligência (30,6%), desvalorização/xingamentos (20,9%), humilhação (16,1%), abandono (14,5%), amedrontamento/disciplina severa (14,5%), ameaças (12,9%), desdém, isolamento ou rejeição (11,3%), falta de afeto (8%), falta de diálogo (4,8%), atos antissociais ou delitivos (3,2%), cárcere privado/ambiente fechado (3,2%), ameaça de morte (1,6%).

Repercussões da violência emocional

As repercussões trazidas neste tópico referem-se às conclusões obtidas pelos artigos a partir dos seus próprios dados empíricos. Foram identificados nove grupos de repercussões, a saber: sintomas internalizantes, problemas cognitivo-comportamentais, impacto no rendimento escolar, sintomas externalizantes, relacionamento disfuncional com os pais, uso de drogas ou álcool, ideação suicida, vitimização e psicopatologias em geral.

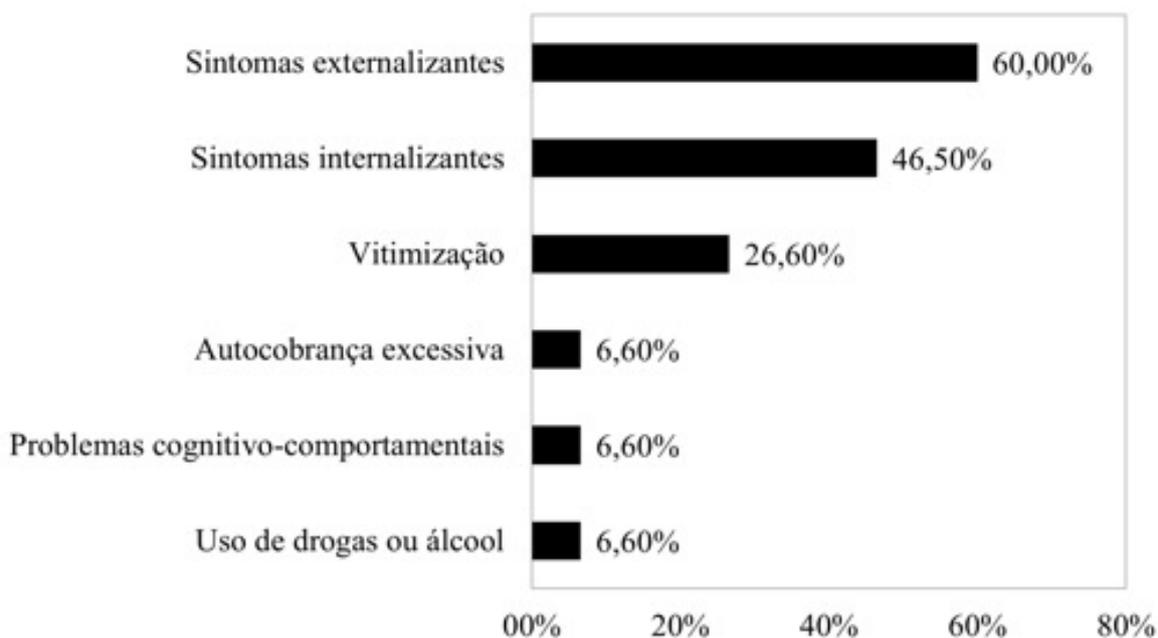
Do total (n=62), 32 artigos não apresentaram repercussões expressas da violência na infância ou adolescência. Parte desses artigos analisou o perfil da violência a partir de prontuários e relatórios já existentes, sem contato direto com os participantes, e a outra parte analisou as repercussões da violência – vivida na infância – em populações já adultas.

Entre os artigos que apresentaram repercussões da violência na infância ou adolescência (n=30), as mais significativas referiam-se aos impactos na saúde física e psicológica e no cotidiano das vítimas, a saber, os sintomas internalizantes, como ansiedade, depressão, problemas psicossomáticos, transtorno de estresse pós-traumático, insegurança, autoimagem negativa, medo e vergonha.

Figura 2: Repercussões da violência emocional na infância ou adolescência

Entre os artigos que trataram das repercussões na vida adulta da violência sofrida na infância ou adolescência (n=15), observou-se, principalmente, os sintomas externalizantes, como conduta agressiva, reprodução da violência em parceiros. Nesse

sentido, vale ressaltar que, dos nove artigos que relataram esta repercussão, quatro relacionavam-se à reprodução da violência nos filhos e três, à reprodução da violência em parceiro, sendo dois relativos à agressividade em geral.

Figura 3: Repercussões da violência emocional na vida adulta

Discussão

A violência emocional vivenciada na infância e na adolescência se mostrou um fator de risco para o desenvolvimento, podendo causar prejuízos cognitivo-comportamentais e impactos na saúde física e psicológica de crianças, adolescentes e adultos, além de interferir nos relacionamentos interpessoais ao longo do curso de vida. Crianças e adolescentes parecem mais reter e internalizar os sintomas, enquanto os adultos tendem a externalizar condutas agressivas.

Estudos sobre os impactos da violência emocional tornam-se importantes, para melhor: (a) conceituá-la, (b) diagnosticá-la, (c) possibilitar o fortalecimento da rede de proteção à criança e ao adolescente; e (d) assessorar intervenções quando necessárias. Intervenções sociais e educativas são importantes para se intervir nos modelos de educação arraigados socialmente a partir da reflexão sobre a origem cultural desta prática.

Repercussões da violência emocional na infância/adolescência

No que se refere às consequências na infância e adolescência, a violência emocional se mostrou associada à manifestação de sintomas internalizantes, como ansiedade, depressão, problemas psicossomáticos, transtorno de estresse pós-traumático, insegurança, autoimagem negativa, medo e vergonha (Benavente et al., 2012; Fonseca et al., 2017; Lírio et al., 2018; Pouliot-Lapointe et al., 2014; Turner et al., 2012; Zarling et al., 2013). Tais sintomas, sobretudo a depressão, são recorrentes na adolescência, fase caracterizada por desafios diante da multiplicidade de processos mudança física, psicológica, sociocultural e cognitiva (Arrom Suhurt et al., 2015). O quadro de sintomas internalizantes seria agravado pela atribuição de culpa aos filhos indiscriminadamente, levando-os a desenvolver a sensação de insegurança de que sempre fazem algo errado, ou que não fazem o suficiente (Keiski et al., 2018).

A violência emocional também exerce efeitos deletérios sobre a organização e o funcionamento dos sistemas emocionais das vítimas, bem como em sua capacidade de lidar com o sofrimento,

contribuindo para o surgimento de problemas cognitivo-comportamentais (Haber & Toro, 2009; Mariño et al., 2009; Melançon & Gagné, 2011; Sallum et al., 2016; Zarling et al., 2013). A exposição à violência conjugal dos pais pode ocasionar dificuldades comportamentais nos filhos, sobretudo para famílias com desvantagens econômicas. A violência de gênero sofrida pela mãe no primeiro ano pós-parto também se mostrou associada a sintomas depressivos maternos, o que esteve associado a dificuldades de comportamento emocional dos filhos por volta dos 10 anos de idade (Skinner et al., 2019).

Além do exposto, a violência emocional pode interferir no desempenho escolar (Carneiro et al., 2017; Fry et al., 2016; Jiménez & Bernal, 2014; Magalhães et al., 2017; Mariño et al., 2009; Santos et al., 2018; Sherr et al., 2016). As chances de *bullying* ocorrer aumentam conforme frequência e a gravidade da violência sofrida em casa (Lucas et al., 2016). A experiência de violência na infância e na adolescência é considerada, pois, representa um fator de risco para se tornar vítima ou perpetrador de violência (Lange et al., 2016).

Sintomas externalizantes – condutas agressivas – também estão associados à experiência da violência emocional na infância e na adolescência (Lange et al., 2016; Neppl et al., 2017; Turner et al., 2012; Zarling et al., 2013). O padrão de violência da família impele os jovens a reproduzi-la tanto no ambiente familiar quanto nas suas experiências sexuais iniciais (Costa et al., 2017) e entre amigos. Clima familiar conflituoso associam-se à agressividade e à maiores dificuldades de comunicação e menor apoio psicossocial (Jiménez & Bernal, 2014). É possível que a violência influencie negativamente os processos proximais parentais, contribuindo para a manutenção de um relacionamento disfuncional com os pais, através do medo, ausência de diálogo e violência recíproca (Gámez-Guadix & Calvete, 2012; Lírio et al., 2018; Keiski et al., 2018; Weber, 2017). O desenvolvimento da comunicação e da confiança mostrou ser mediado pela presença/ausência e/ou gravidade dos atos de violência doméstica.

O desenvolvimento de psicopatologias e o

comportamento pró-social se apresentaram como negativamente associados (Salum et al., 2016); ideação suicida esteve associada a uma combinação de fatores ocorridos na infância e/ou adolescência, como abuso físico, negligência, violência intrafamiliar, instabilidade residencial, abuso sexual, maus-tratos emocionais e violência na comunidade (Thompson et al., 2012). O risco de adolescentes consumirem tabaco, álcool e drogas esteve positivamente associado às vivências de violência na família, consideradas nas suas mais variadas formas (Caballero et al., 2010).

Repercussões da violência emocional na vida adulta

Em se tratando das consequências na vida adulta, as principais repercussões da violência referem-se aos sintomas externalizantes relativos à agressividade (Edwards et al., 2014; Lange et al., 2016). A ausência de experiências de construção da segurança em relação aos pais influenciaria a educação e o desenvolvimento emocional dos próprios descendentes (Keiski et al., 2018; Neppl et al., 2017; Yaghoubi-Doust, 2013). O trauma da violência na infância pode influenciar as relações interpessoais do adulto, levando-o a aplicar nos filhos o modelo de educação/coerção recebido pelos pais, inclusive no que se refere à modalidade de violência, ou seja, quem sofreu violência emocional na infância tem maior probabilidade de praticar violência emocional contra seus próprios filhos (Rikić et al., 2017; Ten Have et al., 2014). Para além disso, os adultos também podem manter um relacionamento conjugal abusivo (Lirio et al., 2018; Neppl et al., 2017; Urdániga-Giraldo et al., 2013).

De forma semelhante às repercussões em crianças e adolescentes, a vivência de violência emocional na infância ou adolescência pode contribuir para o surgimento de sintomas internalizantes, como ansiedade, depressão e estresse pós-traumático no adulto (Paquette et al., 2017; Thoresen et al., 2015). Outra repercussão refere-se à revitimização; a violência infantil em todas as suas formas pode ser considerada um fator de risco para que novas violências sejam vivenciadas na idade adulta (Thoresen et al., 2015). A

exposição à violência interparental, por exemplo, esteve diretamente relacionada ao sofrimento de nova violência, dessa vez, na adultez, por parceiro íntimo (Solanke, 2018).

Saúde, bem-estar e comportamento também são impactados pela vivência da violência na infância ou adolescência (Greenfield & Marks, 2009; Keiski et al., 2018; Sheikh et al., 2016). A ocorrência frequente de violência emocional combinada com física se mostrou um fator de risco para piorar estado de saúde do adulto e contribuir com declínios da sua saúde ao longo da vida adulta, no que se refere à autoavaliação da saúde, limitações funcionais e doenças crônicas (Greenfield & Marks, 2009).

Considerações finais

A prática da violência e a sua reprodução são possibilitadas pela aceitação social da violência como inerente às organizações familiares, sobretudo quando se fala da violência emocional, que não deixa marcas e se manifesta de formas muito sutis. Esta pesquisa sistematizou as consequências que a violência emocional pode ocasionar, a partir de estudos com populações distintas. Não há elementos que demonstrem que estas populações entendam da mesma forma o que é violência emocional, nem que traçam semelhantes limites para classificar um ato de violência. Entretanto, as consequências foram descritas de forma homogênea, o que pode indicar que a violência emocional intrafamiliar é um fenômeno compartilhado pelas populações pesquisadas, uma forma de comunicação familiar passada de geração a geração. Ratifica-se, então, a hipótese de que se trata de um fenômeno transcultural envolto por um pacto de silêncio, principal responsável por poucos diagnósticos e reduzidos números de notificações (Abranches & Assis, 2011).

Os efeitos da violência contra crianças e adolescentes são difíceis de se mensurar se pensados fora de um contexto dinâmico e em desenvolvimento. Este estudo contribuiu para a literatura sobre a violência ao sistematizar os artigos de diferentes culturas que abordaram o

tema, com enfoque nas repercussões que a exposição à violência pode gerar tanto na infância e adolescência quanto na vida adulta, atentando para a multiplicidade de significações que a violência representa.

A violência emocional, associada ou não a outras formas de violência, se mostrou como um fator de risco para o desenvolvimento, podendo ocasionar prejuízos cognitivo-comportamentais e interferir nos relacionamentos interpessoais ao longo do curso de vida. Na infância e na adolescência, as principais repercussões listadas pela literatura encontrada foram os sintomas internalizantes, como ansiedade, depressão, problemas psicossomáticos, transtorno de estresse pós-traumático, insegurança, autoimagem negativa, medo e vergonha. Na idade adulta, as principais consequências foram os sintomas externalizantes, como conduta agressiva, reprodução da violência nos filhos e em parceiros.

Esta pesquisa apresenta algumas limitações, uma vez que sistematizou dados apenas de artigos científicos, excluindo-se livros, teses e dissertações. Ademais, é possível que os descritores utilizados não tenham alcançado alguns trabalhos, sobretudo os que trataram do tema violência emocional sem esta menção no título ou no resumo. Sugere-se, pois, o desenvolvimento de mais estudos que possam contribuir para melhor compreensão das repercussões da violência emocional intrafamiliar vivenciada na infância e na adolescência.

Ao ser mais bem explorada e compreendida, a violência tende a ser melhor conceituada, resultando em melhores diagnósticos. Por consequência, mais estudos possibilitariam o fortalecimento da rede de proteção à criança e ao adolescente, ao passo que forneceria amparo científico para o enfrentamento da violência e para a implementação de intervenções, quando necessárias, a fim de minimizar os efeitos negativos das vivências pregressas.

Referências

Abramovay, M. (2002) Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas

públicas. UNESCO, BID. <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000127138>

Abranches, C. D. de, & Assis, S. G. de. (2011). A (in)visibilidade da violência psicológica na infância e adolescência no contexto familiar. *Cadernos de Saúde Pública*, 27(5), 843-854. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2011000500003>.

Alfaro, A. C. (2019). Violencia en niños, niñas y adolescentes. *Revista Cubana de Medicina General Integral*, 34(4), 1-15 <http://www.revmgi.sld.cu/index.php/mgi/article/view/475>.

Suhurt, C. H. A., Arrom, M. del P. F., Samudio, M., Suhurt, C. M. A., Ramirez, A. C. A., Arrom, M. A., Capurro, M., & Peña, V. V. (2015). Caracterización de pacientes en edad pediátrica, testigos de violencia doméstica. *Memorias del Instituto de Investigaciones en Ciencias de la Salud*, 13(3), 45-50. [https://doi.org/10.18004/Mem.iics/1812-9528/2015.013\(03\)45-050](https://doi.org/10.18004/Mem.iics/1812-9528/2015.013(03)45-050)

Bandura, A., Ross, D., & Ross, S. A. (1961). Transmission of aggression through imitation of aggressive models. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63(3), 575-582. <https://doi.org/10.1037/h0045925>. Benavente, R., Justo, J., & Verissimo, M. (2012). Os efeitos dos maus-tratos e da negligência sobre as representações da vinculação em crianças de idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 27(1), 21-31. <https://doi.org/10.14417/ap.40>

Caballero, M. A., Ramos, L., González, C., & Saltijeral, M. T. (2010). Family violence and risk of substance use among Mexican adolescents. *Child Abuse & Neglect*, 34(8), 576-584. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2010.02.001>

Calheiros, M. M. A. (2006). *A construção social do mau trato e negligência parental: do senso comum ao conhecimento científico*. Imprensa de Coimbra.

Carneiro, J. B., Gomes, N. P., Estrela, F. M., Santana, J. D. de, Mota, R. S., & Erdmann, A. L. (2017). Violência conjugal: Repercussões para mulheres e filhas(os). *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem*, 21(4), 1-7. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2016-0346>

Costa, A. B., & Zoltowski, A. P. C. (2014). Como escrever um artigo de revisão sistemática. In Koller, S. H., Couto, M. C. P. P., & Hohendorff, J. V. *Manual de produção científica* (pp. 55-70). Penso.

Costa, T. A. da, Figueiredo, I. G. A., Oliveira, A. S. S. de, & Galiza, F. T. de. (2015). Profile of domestic violence against children and adolescents / Perfil da violência doméstica contra crianças e adolescentes / Perfil de la violencia doméstica contra los niños, niñas y adolescentes. *Revista de Enfermagem da UFPI*, 4(4), 56-62. <https://doi.org/10.26694/reufpi.v4i4.4413>

Day, V. P., Telles, L. E. de B., Zoratto, P. H., Azambuja, M. R. F. de, Machado, D. A., Silveira, M. B., Debiaggi, M., Reis, M. da G., Cardoso, R. G., & Blank, P. (2003). Violência doméstica e suas diferentes manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, 25(suppl 1), 9-21. <https://doi.org/10.1590/S0101-81082003000400003>

Edwards, K. M., Dixon, K. J., Gidycz, C. A., & Desai, A. D. (2014). Family-of-origin violence and college men's reports of intimate partner violence perpetration in adolescence and young adulthood: The role of maladaptive interpersonal patterns. *Psychology of Men*

- & *Masculinity*, 15(2), 234-240. <https://doi.org/10.1037/a0033031>Finkelhor, D., Ormrod, R. K., & Turner, H. A. (2007). Poly-victimization: A neglected component in child victimization trauma. *Child Abuse & Neglect*, 31, 7-26. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2006.06.008>
- Fonseca, J. R., Maia, C., Melo, S., Rodrigues, L., & Cordeiro, M. (2017). Exposição a violência em relações de intimidade: A propósito de um caso clínico. *Nascer e Crescer*, 26(3), 182-184. <http://dx.doi.org/10.25753/BirthGrowthMJ.v26.i3.9698>.
- Fry, D., Anderson, J., Hidalgo, R. J. T., Elizalde, A., Casey, T., Rodriguez, R., Martin, A., Oroz, C., Gamarra, J., Padilla, K., & Fang, X. (2016). Prevalence of violence in childhood and adolescence and the impact on educational outcomes: Evidence from the 2013 Peruvian national survey on social relations. *International Health*, 8(1), 44-52. <https://doi.org/10.1093/inthealth/ihv075>
- Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2012). Violencia filio-parental y su asociación con la exposición a la violencia marital y la agresión de padres a hijos. *Psicothema*, 24(2), 277-283. <https://www.psicothema.com/pdf/4011.pdf>
- Greenfield, E. A., & Marks, N. F. (2009). Profiles of Physical and Psychological Violence in Childhood as a Risk Factor for Poorer Adult Health: Evidence From the 1995-2005 National Survey of Midlife in the United States. *Journal of Aging and Health*, 21(7), 943-966. <https://doi.org/10.1177/0898264309343905>
- Haber, M. G., & Toro, P. A. (2009). Parent-adolescent violence and later behavioral health problems among homeless and housed youth. *American Journal of Orthopsychiatry*, 79(3), 305-318. <https://doi.org/10.1037/a0017212>
- Henriques, C. G. P. (2021). Violência emocional contra crianças e adolescentes no contexto familiar: as diferentes expressões da violência e suas repercussões [Tese de Doutorado, Universidade Federal do Espírito Santo]. https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_11441_Tese%20Catarina%20Gordiano.pdf
- Henriques, C.G.P, Merçon-Vargas, E. A., & Rosa, E. (2021). Violência física, emocional e sexual intrafamiliar durante a infância e adolescência entre estudantes universitários. In Múltiplas facetas de la violencia en Latinoamérica (pp. 88-114). EDUFES.
- Jiménez, M. D. L. V. M., & Bernal, A. O. (2014). Relación Entre El Clima Social Familiar Y Las Actitudes Juveniles Ante El Acoso Escolar. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 5(1), 329-342. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=349851788037>
- Keiski, P., Flinck, A., Kaunonen, M., & Paavilainen, E. (2018). Childhood experiences of female family-violence perpetrators. *Perspect Psychiatr Care*, 54(2), 251-257. MEDLINE. <http://dx.doi.org/10.1111/ppc.12231>
- Lange, C., Starker, A., von der Lippe, E., & Hölling, H. (2016). Psychische und körperliche Gewalterfahrungen in den vergangenen 12 Monaten in der Allgemeinbevölkerung. *Bundesgesundheitsblatt - Gesundheitsforschung - Gesundheitsschutz*, 59(1), 4-16. <https://doi.org/10.1007/s00103-015-2267-6>
- Lirio, J. G. dos S., Gomes, N. P., Paixão, G. P. do N., Pereira, A., Magalhães, J. R. F., Cruz, M. A. da, & Sousa, A. R. de (2018). Abuso intrafamiliar na infância de homens em processo hcriminal por violência conjugal. *Acta Paulista de Enfermagem*, 31(4), 423-429. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307057135012>
- Lourenço, L. M., Baptista, M. N., Senra, L. X., Almeida, A. A., Basílio, C., & Bhona, F. M. de C. (2013). Consequências of Exposure to Domestic Violence for Children: A Systematic Review of the Literature. *Paidéia*, 23(55), 263-271. <https://doi.org/10.1590/1982-43272355201314>
- Lucas, S., Jernbro, C., Tindberg, Y., & Janson, S. (2016). Bully, bullied and abused. Associations between violence at home and bullying in childhood. *Scandinavian Journal of Public Health*, 44(1), 27-35. <https://doi.org/10.1177/1403494815610238>
- Magalhães, J. R. F. de, Gomes, N. P., Campos, L. M., Camargo, C. L. de, Estrela, F. M., & Couto, T. M. (2017). Expressão da violência intrafamiliar: História oral de adolescentes. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 26(4). <https://doi.org/10.1590/0104-07072017001730016>.
- Malta, D. C., Mascarenhas, M. D. M., Silva, M. M. A. da, Carvalho, M. G. O. de, Barufaldi, L. A., Avanci, J. Q., & Bernal, R. T. I. (2016). A ocorrência de causas externas na infância em serviços de urgência: Aspectos epidemiológicos, Brasil, 2014. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(12), 3729-3744. <https://doi.org/10.1037/a0027107>
- Mariño, B. M. V., Roca, V. R., & Garcia, C. M. (2009). Factores de riesgo asociados al maltrato infantil intrafamiliar en alumnos del seminternado Roberto Rodriguez Sarmiento. *MEDISAN*, 13(5). <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=368448455007>.
- Melançon, C., & Gagné, M.-H. (2011). Father's and mother's psychological violence and adolescent behavioral adjustment. *Journal of Interpersonal Violence*, 26(5), 991-1011. <https://doi.org/10.1177/0886260510365863>.
- Minayo, M. C. S. (2005). Violência: Um problema para a saúde dos brasileiros. In *Impacto da violência na saúde dos brasileiros* (pp. 9-41). Ministério da Saúde.
- Neppl, T. K., Lohman, B. J., Senia, J. M., Kavanaugh, S. A., & Cui, M. (2017). Intergenerational continuity of psychological violence: Intimate partner relationships and harsh parenting. *Psychology of Violence*, 9(3), 298-307. <https://doi.org/10.1037/vio0000129>
- Nunes, A. J., & Sales, M. C. V. (2016). Violence against children in Brazilian scenery. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(3), 871-880. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=63044605021>
- Paquette, G., Tourigny, M., Baril, K., Joly, J., & Séguin, M. (2017). Mauvais traitements subis dans l'enfance et problèmes de santé mentale à l'âge adulte: Une étude nationale conduite auprès des Québécoises. *Santé Mentale au Québec*, 42(1), 43-63. <https://doi.org/10.7202/1040243ar>
- Pouliot-Lapointe, J., Gagné, M.-H., Drapeau, S., & Saint-Jacques, M.-C. (2014). Conduites parentales psychologiquement violentes et problèmes de comportement des jeunes: Une étude bidirectionnelle. [Psychologically violent parenting and youth behavior problems: A bidirectional study.]. *Canadian Journal of Behavioural Science / Revue canadienne des sciences du comportement*, 46(2), 193-204. <https://doi.org/10.1037/a0030577>

- Rikić, J., Beljan, P., Milošević, M., Miškulin, I., Miškulin, M., & Mujkić, A. (2017). Transgenerational Transmission of Violence among Parents of Preschool Children in Croatia. *Acta Clinica Croatica*, 56(3), 478-486. <https://doi.org/10.20471/acc.2017.56.03.15>
- Rocha, P. C. X. da, & Moraes, C. L. (2011). Violência familiar contra a criança e perspectivas de intervenção do Programa Saúde da Família: A experiência do PMF/Niterói (RJ, Brasil). *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(7), 3285-3296. <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000800028>
- Rosa, E. M. (2004). *Radiografia de um processo social: um estudo sobre o discurso jurídico a respeito da violência contra crianças*. Casa do Psicólogo.
- Salum, G. A., DeSousa, D. A., Manfro, G. G., Pan, P. M., Gadelha, A., Brietzke, E., Miguel, E. C., Mari, J. J., Rosário, M. C. do, & Grassi-Oliveira, R. (2016). Measuring child maltreatment using multi-informant survey data: A higher-order confirmatory factor analysis. *Trends in Psychiatry and Psychotherapy*, 38(1), 23-32. <https://doi.org/10.1590/2237-6089-2015-0036>
- Sanchez, R. N. & Minayo, M. C. S. (2006) Violência contra Crianças e Adolescentes: Questão Histórica, Social e de Saúde. In C. Lima (Ed.), *Violência faz mal à saúde* (pp. 29-38). Ministério da Saúde.
- Santos, R. M., Gomes, N. P., Mota, R. S., Gomes, N. P., Couto, T. M., & Araújo, G. S. de. (2018). Reprovação escolar e aspectos sociais e de saúde: estudo transversal com adolescentes. *Revista Baiana de Enfermagem*, 32, e21827. <https://doi.org/10.18471/rbe.v32.21827>
- Silva, P. A. da, Lunardi, V. L., Lunardi, G. L., Arejano, C. B., Ximenes, A. S., & Ribeiro, J. P. (2017). Violência contra niños y adolescentes: Características de los casos reportados en un Centro de Referencia del Sur de Brasil. *Enfermería Global*, 16(2), 406-418. <https://dx.doi.org/10.6018/eglobal.16.2.235251>
- Sheikh, M. A., Abelsen, B., & Olsen, J. A. (2016). Clarifying Associations between Childhood Adversity, Social Support, Behavioral Factors, and Mental Health, Health, and Well-Being in Adulthood: A Population-Based Study. *Frontiers in Psychology*, 7, 727. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.00727>
- Shen, A. C.-T., Feng, J. Y., Feng, J.-Y., Wei, H.-S., Hsieh, Y.-P., Huang, S. C.-Y., & Hwa, H.-L. (2016). Who Gets Protection? A National Study of Multiple Victimization and Child Protection Among Taiwanese Children. *Journal of Interpersonal Violence*, 34(17), 3737-3761. <https://doi.org/10.1177/0886260516670885>
- Sherr, L., Hensels, I. S., Skeen, S., Tomlinson, M., Roberts, K. J., & Macedo, A. (2016). Exposure to violence predicts poor educational outcomes in young children in South Africa and Malawi. *International Health*, 8(1), 36-43. <https://doi.org/10.1093/inthealth/ihv070>
- Skinner, L., Gavidia-Payne, S., Brown, S., & Giallo, R. (2019). Mechanisms underlying exposure to partner violence and children's emotional-behavioral difficulties. *Journal of Family Psychology*, 33(6), 730-741. <https://doi.org/10.1037/fam0000532>
- Solanke, B. L. (2018). Does exposure to interparental violence increase women's risk of intimate partner violence? Evidence from Nigeria demographic and health survey. *BMC Int Health Hum Rights*, 18(1), 1-1. MEDLINE. <http://dx.doi.org/10.1186/s12914-018-0143-9>
- Ten Have, M., de Graaf, R., van Weeghel, J., & van Dorsselaer, S. (2014). The association between common mental disorders and violence: To what extent is it influenced by prior victimization, negative life events and low levels of social support? *Psychological Medicine*, 44(7), 1485-1498. <https://doi.org/10.1017/S0033291713002262>
- Thompson, R., Litrownik, A. J., Isbell, P., Everson, M. D., English, D. J., Dubowitz, H., Proctor, L. J., & Flaherty, E. G. (2012). Adverse experiences and suicidal ideation in adolescence: Exploring the link using the LONGSCAN samples. *Psychology of Violence*, 2(2), 211-225. <https://doi.org/10.1037/a0027107>
- Thoresen, S., Myhre, M., Wentzel-Larsen, T., Aakvaag, H. F., & Hjemdal, O. K. (2015). Violence against children, later victimisation, and mental health: A cross-sectional study of the general Norwegian population. *European Journal of Psychotraumatology*, 6, 26259. <https://doi.org/10.3402/ejpt.v6.26259>
- Turner, H. A., Finkelhor, D., Ormrod, R., Hamby, S., Leeb, R. T., Mercy, J. A., & Holt, M. (2012). Family context, victimization, and child trauma symptoms: Variations in safe, stable, and nurturing relationships during early and middle childhood. *American Journal of Orthopsychiatry*, 82(2), 209-219. <https://doi.org/10.1111/j.1939-0025.2012.01147.x>
- Urdániga-Giraldo, J., Cortez-Vergara, C., Murga, H. V., & Saavedra-Castillo, J. (2013). Forma de crianza recibida por el agresor y su asociación con violencia hacia la pareja en tres ciudades de la selva peruana en el año 2004. *Revista de Neuro-Psiquiatría*, 76(3), 173-180. <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=372036945007>
- Weber, T. D. (2017). How Adolescent's Family Satisfaction and Attachment Quality Correlate in Cases of Domestic Violence. *International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 2(1), 145-155. <https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.927>
- World Health Organization. (2006). *Preventing child maltreatment: a guide to taking action and generating evidence*. WHO. https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/43499/9241594365_eng.pdf
- Yaghoubi-Doust, M. (2013). Reviewing the Association between the History of Parental Substance Abuse and the Rate of Child Abuse. *Addiction & Health*, 5(3-4), 126-133. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3905474>
- Zarling, A. L., Taber-Thomas, S., Murray, A., Knuston, J. F., Lawrence, E., Valles, N.-L., DeGarmo, D. S., & Bank, L. (2013). Internalizing and externalizing symptoms in young children exposed to intimate partner violence: Examining intervening processes. *Journal of Family Psychology*, 27(6), 945-955. <https://doi.org/10.1037/a0034804>
- Zoltowski, A. P. C., Costa, A. B., Teixeira, M. A. P., & Koller, S. H. (2014). Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(1), 97-104. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100012>

Catarina Gordiano Paes Henriques

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em Vitória, ES, Brasil.

Luciana Dutra-Thomé

Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professora da Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, BA, Brasil.

Edinete Maria Rosa

Doutora em Psicologia Social pela Universidade de São Paulo (USP), em São Paulo, SP, Brasil. Professora da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), em Vitória, ES, Brasil.

Endereço para correspondência

Catarina Gordiano Paes Henriques

Av. Fernando Ferrari, 514

Prédio Professor Lídio de Souza, CCHN

Goiabeiras, 29075-910

Vitória, ES, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.